

**O FILÓSOFO EDUCADOR E A FILOSOFIA CRIADORA
UMA ANÁLISE DA “PEDAGOGIA DO CONCEITO” DE DELEUZE E GUATTARI**

Elemar Kleber Favreto *

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar aquilo que ficou conhecido como "pedagogia do conceito" presente na obra *O que é a filosofia?*, de Deleuze e Guattari, e como ela está ligada ao ensino e à própria compreensão de filosofia. Segundo a tradição filosófica, a tarefa da filosofia é contemplar, refletir e comunicar. No entanto, temos que compreender que, segundo os autores franceses, estas três operações postulam uma transcendência da qual acabamos sempre outorgando um juízo de valor sobre os problemas perante os quais o filósofo se coloca. Pensar a filosofia em outros moldes pode nos render uma relação mais íntima com os problemas e com os conceitos, já que pode nos fazer descer deste pedestal moral e nos orientar na imanência da vida. Deste modo, num primeiro momento tentaremos mostrar como nossos autores, principalmente Deleuze, apontam a tradição filosófica como sendo dogmática; num segundo momento mostraremos como eles tentam fugir a este dogmatismo; por fim, num terceiro momento, como podemos compreender a obra deleuzo-guattariana diante do postulado da educação filosófica.

Palavras-chave: Educação, conceito, filosofia, criação, transcendência.

*The philosopher and educator creative philosophy
An analysis of the “pedagogy of the concept” of Deleuze e Guattari*

Abstract: This article aims to analyze what became known as "pedagogy of the concept" in this book *What is Philosophy?*, of Deleuze and Guattari, and how it is linked to the teaching and understanding of philosophy itself. According to the philosophical tradition, the task of philosophy is to contemplate, reflect and communicate. However, we understand that, according to the French authors, these three operations posit a transcendence which we always granting a value judgment on the issues to which the philosopher arises. Thinking philosophy in other molds can render us a more intimate relationship with the problems and concepts, as we can bring down this moral pedestal and guide us in the immanence of life. Thus, at first try to show how our authors, especially Deleuze, point to the philosophical tradition as being dogmatic; show a second time as they try to escape this dogmatism, and finally a third time, as we understand the work deleuzo-guattariana before the postulate of philosophical education.

Keywords: Education, concept, philosophy, creation, transcendence.

* Graduado e Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Professor assistente no curso de Filosofia na Universidade Estadual de Roraima – UERR. E-mail: elemar@uerr.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A tradição filosófica, desde suas origens gregas, vem trabalhando em prol da produção e alargamento do pensamento por imagens. Platão nos mostrou muito bem que o filósofo busca a “boa imagem”, a cópia, contrapondo-se ao sofista, que, segundo ele, buscaria a “má imagem”, o simulacro. Desde então, a filosofia se aprofundou cada vez mais na busca deste modelo, postulando um caminho reto para tal “verdade”.

A educação filosófica, segundo esta concepção, estaria subordinada a esta busca moral, de modo que grande parte do aprendizado em filosofia se daria através de um aparato dogmático. Para que a filosofia possa ser pensada de uma forma a se libertar deste dogmatismo é necessário pensarmos uma pedagogia filosófica despregada desta busca moral. A proposta deleuzo-guattariana de uma “pedagogia do conceito”, que aparece na última obra assinada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O que é a filosofia?*, parece nos indicar um caminho onde a filosofia pode ser vista como criadora de imagens e não mais como reprodutora destas. Essa diferença é crucial para que possamos pensar a filosofia sem a utilização de um modelo último a ser alcançado, sem a utilização de uma transcendência; é preciso pensar que não há “verdade”, há concepções diversas de verdade. Concepções estas que se modificam e se transformam com o passar do tempo, alterando também a própria percepção de mundo do ser humano.

A obra *O que é a filosofia?*, nesse sentido, nos traz uma certa complementação do que estes dois autores, principalmente Deleuze, já haviam formulado e teorizado em obras anteriores, já que podemos pensar a criação de conceitos como um encontro puro com o pensamento, na medida em que, para eles, o operar filosófico não se constitui unicamente de desconstruções e críticas, mas também da construção e formulação de um “platô” onde o pensamento possa se firmar, mostrar o caráter construtivo de uma “Nova Imagem do Pensamento”. É necessário, portanto, que o filósofo possa não apenas mergulhar no caos, através das desconstruções, dos abalos sísmicos nos sistemas filosóficos anteriores, mas que também possa emergir das águas caóticas para uma superfície lisa e límpida, sem a aspereza dos pré-conceitos e dos pressupostos, sem a ingenuidade dos axiomas. Esta é a tentativa de Deleuze e Guattari ao construir a sua filosofia, uma filosofia que almeja a isenção dos pressupostos e pré-juízos, já que são eles que fazem com que um determinado pensamento se transforme em um conhecimento dogmático.

É no sentido de buscar esta filosofia e como é possível concebê-la que tentamos empreender este “deslocamento” filosófico. A “pedagogia do conceito” seria, na verdade,

uma tentativa de mostrar os meios para a concepção de uma filosofia criadora. A perspectiva da filosofia como criadora não só acaba com a unidade, a transcendência e a representação, mas também instaura a diferença, a imanência e a repetição, fazendo da prática filosófica uma atividade nômade, livre para povoar os mais vastos campos e planícies, sem o peso dos pressupostos filosóficos que nos fazem criar fronteiras e divisas.

2 A IMAGEM DOGMÁTICA DO PENSAMENTO

Gilles Deleuze, observando as reflexões de Nietzsche, acusou a tradição filosófica de dogmática, já que ainda estaria presa a uma imagem moral do pensamento. A Imagem Dogmática do Pensamento, como ele postulou, tenta, de qualquer modo, elevar a filosofia a um mundo transcendente, onde reinaria o Bem, o Belo, o Justo, etc.; modelos estes que, desde Platão, são colocados como aqueles que devem ser alcançados pelo filósofo e pela filosofia. Pensar por imagem, portanto, se remete a um pensamento que sempre possui uma unidade transcendente como modelo; segue daí que o pensamento só pode ser construído a partir de uma imagem que se assemelhe a um modelo, ou através da representação deste modelo. Esta é uma das desconstruções que Deleuze tenta empreender em suas obras, principalmente em *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido*. A “imagem dogmática do pensamento” acaba criando aquilo que Foucault apontou como sendo a quádrupla raiz da representação: a identidade do conceito, a semelhança na percepção, a oposição dos predicados e a analogia do juízo.¹ Estas quatro raízes só funcionam se forem pensadas através de três operações básicas: a contemplação, a reflexão e a comunicação.

A contemplação visa uma coisa pretendida, mas não a cria, portanto, ela toma um objeto como dado e existente, sem que tal objeto seja constituído através de um processo criativo e inovador. Não há diferença na contemplação, pois ela não cria seus objetos, apenas identifica a sua imagem contemplativa a um objeto pré-existente. Também não há imanência, já que o ato contemplativo apenas produz uma imagem transcendente de um objeto, operando com esta intenção de cópia e não com a criação produtiva. Tal intenção de cópia faz dela uma instauradora da representação, já que re-apresenta um objeto visado.

A reflexão, por sua vez, não pertence apenas ao filósofo, qualquer pessoa, filósofo ou não, pode refletir sobre um determinado assunto ou objeto. A tarefa do filósofo é antes uma

¹ Para uma maior compreensão destas quatro raízes dentro da crítica deleuziana cf. FAVRETO, Elemar Kleber. Capítulo I: Deleuze e a “quádrupla raiz da representação”: a imagem dogmática do pensamento. In: *Deleuze e a univocidade do ser - um novo agenciamento para uma filosofia da diferença*. Toledo: [s.n.], 2007. (Dissertação de mestrado – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE).

tentativa de afastamento da reflexão, porque ele busca se desprender totalmente da *doxa*, da opinião que envenena o fazer filosófico e turva o horizonte do pensamento. Como nos diz Deleuze e Guattari, o inimigo da filosofia não é e nem nunca foi o caos, mas sim a opinião. A opinião tenta de todas as maneiras vencer o caos, no entanto, só a morte vence o caos, pois só não há caos quando já não há existência. A filosofia não quer esgotar a multiplicidade do caos, ao contrário, ela se joga na mais pura multiplicidade, ela salta no abismo caótico para voltar à superfície e criar seus conceitos. A reflexão, enquanto organização de uma opinião, é a postulação de uma unidade, de uma transcendência e de uma representação.

A comunicação, por fim, busca um consenso, um acordo entre as partes de um diálogo. Ela demanda uma racionalidade, e a demanda de uma racionalidade também é uma tentativa de vencer o caos, portanto, ela já se torna uma opinião absoluta. Assim, racionalidade se torna uma opinião absoluta na medida em que postula parâmetros ou fronteiras entre o que é ser racional e não-racional. O não-racional deve ser execrado, deve ser condenado e confinado.

A contemplação, a reflexão e a comunicação, portanto, estão ligadas à unidade, à transcendência e à representação. À unidade, porque postula parâmetros de racionalidade, uma unidade racional: pensar a multiplicidade, mergulhar no caos é considerado não-racional, portanto, não podemos tentar pensar a multiplicidade sem sairmos da racionalidade. À transcendência, porque ela possui um objeto que é copiado; cada pessoa possui a sua imagem de racionalidade e tenta fazer dela uma cópia perfeita de uma racionalidade postulada pela mídia, pela literatura *best-seller*, etc. À representação, porque este objeto copiado faz com que tenhamos de agir de determinado modo e não de outro, assim, ele é apresentado novamente por cada um de nós, pois agimos no mundo segundo estes parâmetros.

Devemos nos afastar deste tipo de imagem do pensamento porque ela ainda se prende a pressupostos e axiomas, pois os filósofos dogmáticos não se preocupam em mergulhar no caos e retirar dele uma nova forma de pensar, eles apenas se preocupam em se “aprofundar”, isto é, em buscar um fundamento último e absoluto para a filosofia, um axioma incontestável. A filosofia clássica está cheia de exemplos deste tipo de imagem do pensamento: desde a antiguidade se buscou “a verdade”, mas o que é “a verdade”, além de uma palavra já cheia de significados múltiplos, de pressupostos incontáveis? O que é “a verdade” além de uma busca eterna por um fundamento último inexistente? Assim, “a verdade” foi apontada em várias direções, como por exemplo: as Ideias de Platão, a *Ousia* de Aristóteles, o Deus dos medievais, o *cogito* de Descartes, etc. Alguns diriam ainda, a Diferença de Deleuze.

Não podemos pensar a Diferença deleuziana, no entanto, como fundamento, pelo contrário, ela é a mais pura forma de pensar o Ser não como unidade fundamental, ou como uma equivocidade estrutural, mas como univocidade ontológica que garante aos corpos sensíveis uma multiplicidade de encontros através do Acontecimento. O Acontecimento deleuziano é, portanto, um incorpóreo que atravessa os corpos; não é um corpo (objeto) e nem um sujeito, é um campo transcendental que reúne ou relaciona corpos e sujeitos, que os distingue e diferencia e que faz desta reunião algo singular, totalmente diferente. O Acontecimento é aquilo que produz a Diferença, na medida em que é a própria Diferença. Cada Acontecimento é único, é uma singularidade que faz com que os corpos e sujeitos já não sejam os mesmos.

3 A FILOSOFIA CRIADORA

A desconstrução deleuziana, deste modo, faz com que a filosofia não seja mais pensada através da égide das quatro raízes da representação. O dogmático presente na imagem do pensamento se quebra, sobrando unicamente a imagem do pensamento, que é, em última instância, um plano de imanência. O plano de imanência, pensado como imagem do pensamento, pode nos levar à construção de uma superfície unívoca para os conceitos filosóficos, ou melhor, um “platô” onde os conceitos se colocam de forma múltipla e diferente. Este plano, pensado desta forma, será uma imanência pura, já que pertence tanto aos conceitos quanto aos corpos; não há transcendência, pois tal plano se encontra no mundo, entre as palavras e as coisas.

A “Imagem do Pensamento” abrange tanto um pensamento dogmático, cheio de pré-juízos e pré-conceitos, aquilo que Deleuze chamou de *imagem dogmática do pensamento* ou simplesmente “platonismo”, quanto um pensamento sem imagens, sem pressupostos e axiomas, que Deleuze chamou de *nova imagem do pensamento*. O que podemos dizer é que sem um “plano” traçado não há aonde o pensador operar, tanto o pensador clássico, quanto o pensador pós-moderno. A filosofia deleuziana e deleuzo-guattariana, assim como grande parte da filosofia contemporânea, tenta buscar uma “imagem do pensamento” que não esteja vinculada a um modelo. Não havendo modelo o que há é apenas a pura superfície de uma imagem que a nada se assemelha, que a nada se vincula, um pensamento sem a presença de um pressuposto ou de um pré-conceito, ou seja, um pensamento sem imagens (nova imagem do pensamento).

Neste sentido é que a "imagem do pensamento" pode ser considerada um campo pré-filosófico, campo este que é traçado por um pensador; ele pode ser sem pressupostos (plano de imanência), como quer Deleuze e Guattari, ou cheio de pré-conceitos (plano de transcendência), como postulou a filosofia clássica. Portanto, o plano é pré-filosófico não porque existe antes da filosofia, mas porque é com a sua instauração que a filosofia se constitui. Ele é chamado pré-filosófico porque instaura uma filosofia. Um pensador só se forma e só constrói a sua filosofia quando traça um plano de imanência. Mas, não podemos pensar o plano de imanência separado das outras duas operações filosóficas apontadas por Deleuze e Guattari, em contraposição às três instâncias da Imagem Dogmática do Pensamento (Contemplar, Refletir, Comunicar), a invenção dos personagens e a criação dos conceitos. Um depende do outro, ou melhor, a filosofia só brota quando estas três operações são postas a funcionar conjuntamente.

Inventar personagens conceituais não é o ato de criar figuras dramáticas que irão interagir entre si e contar histórias mirabolantes. O personagem conceitual não é unicamente um personagem de diálogo, mesmo que seja privilegiado entre os outros, ou mesmo um personagem-narrador, pois ele não pode ser confundido como um interlocutor ou um representante do autor. O personagem conceitual é, segundo a concepção deleuzo-guattariana, um legítimo criador de conceitos e também aquele que articula toda esta malha de conceitos criados e agenciados em uma determinada filosofia. Não é o personagem que serve o filósofo, é o filósofo que serve aos seus personagens. O filósofo fala por eles, doa sua linguagem para que os seus personagens falem, para que eles produzam e propaguem os seus conceitos:

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os "heterônimos" do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares. O personagem conceitual nada tem a ver com uma personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois vive, ele insiste. O filósofo é a idiosincrasia de seus personagens conceituais. E o destino do filósofo é de transformar-se em seu ou seus personagens conceituais, ao mesmo tempo que estes personagens se tornam, eles mesmos, coisa diferente do que são historicamente, mitologicamente ou comumente (o Sócrates de Platão, o Dioniso de Nietzsche, o Idiota de Cusa).²

Um filósofo inventa seus personagens conceituais, no entanto, tais personagens é que irão interagir com o plano de imanência traçado e os conceitos criados. Ele parece que surge duas vezes, quando o plano de imanência é traçado, são os personagens que mergulham nas águas do caos e sobem à superfície pré-filosófica criando e constituindo assim uma filosofia, e

² Deleuze, G.; Guattari, F. *O que é a filosofia?*, p. 86.

outra vez na demarcação de seus conceitos, revirando-os, modificando-os, agenciando-os e povoando o plano com eles. Entretanto, é uma única vez que eles aparecem, já que a filosofia só pode ser dita como tal quando o plano é traçado, os personagens inventados e os conceitos criados. As três operações (conceito, personagem conceitual e plano de imanência) surgem ao mesmo tempo, não há como separar uma da outra, mas há como delimitá-las, saber quais as funções de cada uma e quais as implicações que cada uma possui com as outras duas.

Um personagem conceitual pode criar conceitos e/ou interagir com eles. Assim, Deleuze e Guattari dizem que os personagens conceituais possuem vários traços característicos, de modo que nenhum deles é igual ao outro. Cada personagem possui um determinado conjunto de traços que podem variar de plano para plano e que se assemelham aos tipos psicossociais; assim, os autores estabelecem alguns traços que são mais gerais para tais personagens, dentro da história da filosofia: *traços páticos*, que dizem respeito aos personagens que tentam mudar o seu modo de interação com o plano; *traços relacionais*, que se dizem dos personagens que possuem uma forte relação, de amizade ou rivalidade, com outro personagem ou com um conceito determinado; *traços dinâmicos*: pertencem aos personagens que se movimentam, interagem ou agem o tempo todo num plano; *traços jurídicos*: se remetem aos personagens que de alguma forma possuem certas relações ou pretensas relações com alguma espécie de lei, seja ela qual for; *traços existenciais*: diz respeito aos personagens que, de algum modo, se relacionam com a existência do filósofo, isto é, quando o vivido do filósofo se confunde com a sua filosofia ou com o vivido de seu ou de seus personagens conceituais.³

Estes são alguns traços dos personagens conceituais que podem ser encontrados na história da filosofia. Por exemplo: o Dioniso de Nietzsche possui um traço dinâmico, já que vive a dançar no plano de imanência do eterno retorno e da vontade de poder. Além desses traços, há alguns casos em que os personagens conceituais não são explícitos, como é o caso do personagem conceitual de Descartes, que não aparece, é apenas intuído. A insistência dos personagens conceituais se define, deste modo, pela sua característica de não existência concreta, mas de persistência num plano. Todo o personagem conceitual insiste em se manter no plano e persiste em criar seus conceitos.

Os personagens conceituais, assim como o plano de imanência, só podem caracterizar uma filosofia se houver uma criação de conceitos. Um conceito envolve um problema e uma história. Os conceitos são, assim, as histórias que os personagens criam e

³ Deleuze, G.; Guattari, F. *O que é a filosofia?*

vivem. O problema é próprio do plano, e os conceitos tentam desenrolá-lo, delimitando, deste modo, o próprio plano de imanência. Além disso, todo o conceito possui uma vasta quantidade de componentes que lhe são intrínsecos:

Não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem portanto uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um só componente: mesmo o primeiro conceito, aquele pelo qual uma filosofia “começa”, possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deva ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar-lhe um ponto de vista ou uma razão.⁴

Todo o conceito, além de múltiplo, é problemático, pois envolve um determinado problema ou um conjunto de problemas. Ao tentar desenvolver esta problematização é que ele traça a sua história, já que um conceito é a história de um problema ou conjunto deles. Ele pode ser: um processo de desterritorialização e reterritorialização, quando os personagens conceituais retiram um determinado conceito ou palavra de um contexto e introduzem no problema determinado a que o plano de imanência se refere; criado a partir de outros conceitos, já que um conceito sempre se remete a outros, não só na sua história, mas no devir, onde implicará em novas conexões e agenciamentos; e, seus componentes podem, às vezes, tornarem-se novos conceitos. Ao certo é que os conceitos não podem jamais serem criados do nada, eles surgem sempre no agenciamento, na conexão ou na tomada dos componentes por conceitos.

A consistência dos conceitos diz respeito à sua univocidade, ou seja, apesar de serem uma multiplicidade em si mesmos, na medida em que cada conceito contém diversos componentes e estes componentes formam singularidades, isto é, cada componente é único, no entanto, eles não podem se separar da integridade que é o conceito. Por isso os conceitos são unívocos, se dizem únicos, mas comportam a diversidade em si, e esta diversidade é inseparável da sua unidade de sentido.

Além disso, o conceito diz o acontecimento, portanto ele é incorpóreo, embora atravesse os corpos e estados de coisas. Neste sentido, ele não pode ser discursivo, já que o acontecimento não é um corpo e não se refere a eles, entretanto, se relaciona com eles na medida em que sempre os atravessa, sempre os corta. Assim, o conceito não é corpóreo, no sentido em que não é um corpo existente e nem uma proposição (corpo fônico). Ele é o acontecimento incorporeal.

⁴ Deleuze, G.; Guattari, F. *O que é a filosofia?*, p. 27.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRÊS LEITURAS FILOSÓFICAS POSSÍVEIS PARA A EDUCAÇÃO

A criação ou produção de conceitos, conseqüentemente, se remete ao que o próprio Deleuze já nos dizia em *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido* com respeito ao Ser. O conceito diz o acontecimento, diz o Ser, já que o Ser deleuziano é este Sentido-Acontecimento. O conceito se diz deste incorpóreo presente nas coisas e nas proposições, desta forma, também é incorpóreo, mas o Ser mesmo não é o conceito. O conceito expressa aquilo que o Ser mesmo é, isto é, ele expressa a Diferença, já que possui uma diferença intensiva, mas uma unidade conceitual:

Em toda a parte reencontramos o mesmo estatuto pedagógico do conceito: uma *multiplicidade*, uma superfície ou um volume absolutos, auto-referentes, compostos de um certo número de variações intensivas inseparáveis segundo uma ordem de vizinhança, e percorridos por um ponto em estado de sobrevôo. O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de criá-los.⁵

Aqui talvez fique a questão: afinal, o que esta teorização sobre a filosofia pode nos dizer de novo sobre a educação?

Três formas de abordar tal problema podem ser direcionadas aqui: a multiplicidade discursiva sobre a educação, o combate às três funções clássicas da filosofia e a vida entendida como uma imanência pura.

A primeira diz respeito ao fazer filosófico do filósofo como educador. O filósofo hoje é, essencialmente, um educador, mas opera segundo o prisma da filosofia clássica para tentar pensar a educação. A educação pode ser abordada de diversas formas: filosófica, científica, artística, política ou metodologicamente. Acontece que podemos pensar que o filósofo-educador emprega um discurso que não condiz muito com aquilo que ele, como filósofo, deveria empregar. Isso ocorre porque se confunde as operações filosóficas com as operações das outras disciplinas. O filósofo-educador, assim, não tenta traçar um plano de imanência, inventar personagens conceituais e criar conceitos que envolvam os problemas referentes à educação. Ao contrário, muitas vezes ele já parte de um plano constituído, repetindo velhas e longas “ladainhas” filosóficas ou mesmo pedagógicas. Ou então se volta para um discurso que não é propriamente filosófico e não se empenha em instaurar uma filosofia educacional. O filósofo-educador, portanto, deve lembrar-se de que é filósofo e de

⁵ Deleuze, G.; Guattari, F. *O que é a filosofia?*, p. 46.

que é necessário, se é que queremos pensar uma filosofia da educação, que se empenhe em instaurar uma filosofia.

Em segundo lugar, a filosofia como criadora de conceitos se empenha em desconstruir as três operações básicas da filosofia clássica: a contemplação, a reflexão e a comunicação. Devemos ter em mente que estas três operações não são exclusivas da filosofia, ela as utiliza, mas não como princípios filosóficos, como antes eram pensadas, mas como instrumentos gerais do discurso. Formular uma filosofia da educação que se baseie especificamente nessas operações é instaurar uma filosofia da educação que ainda se fundamente na identidade, semelhança, oposição e analogia, isto é, que ainda resgate uma certa transcendência e representação. A filosofia, como já nos mostrou a desconstrução francesa contemporânea, não pode mais ser vista como transcendente e representativa, ou então cairá em problemas que já foram superados ou que compete a outras disciplinas resolver. Desta maneira, não basta apenas operar filosoficamente para se empreender uma filosofia da educação, é necessário que esta operação não regresse às três operações já superadas pela própria filosofia.

Em terceiro lugar, a vida como imanência pura, parece ser a questão que Deleuze e Guattari, e principalmente Deleuze, em seu artigo *A imanência: uma vida...*, parecem querer se referir quando dizem “pedagogia do conceito”. O que isso quer dizer?

Devemos compreender que a vida mesma é repleta de acontecimentos e encontros entre corpos. Tais acontecimentos são incorpóreos e nos atravessam, fazendo com que nos modifiquemos profundamente a cada novo evento. Nesse sentido, o eu já não é mais eu, já que este acontecimento o modificou de tal forma que o eu que se apresenta neste estado de coisas já não é o mesmo que se apresentou no estado anterior. Deste modo, o campo transcendental se definiria como uma vida impessoal, sem a presença de uma consciência subjetiva ou de um objeto qualquer, simplesmente a vida mesma como abertura transcendental, com seus potenciais acontecimentos, com suas virtualidades e singularidades. Uma vida pura seria o virtual incorpóreo contido no tempo de *Aion* (passado e futuro ao mesmo tempo, o ilimitado, a insistência) esperando a atualização subjetiva e/ou objetiva contida em *Chronos* (o tempo presente e corpóreo, a existência). Deleuze nos esclarece melhor essa relação entre a vida e o plano de imanência na seguinte passagem:

Pode-se dizer da pura imanência que ela é UMA VIDA, e nada diferente disso. Ela não é imanência à vida, mas o imanente que não existe em nada também é uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência completa, beatitude completa. [...] O campo transcendental torna-se então um verdadeiro plano de imanência que reintroduz o

spinozismo no mais profundo da operação filosófica. [...] O plano transcendental se define por um plano de imanência, e o plano de imanência, por uma vida.⁶

Assim, a pedagogia do conceito seria esta atualização contínua do operar filosófico, onde não há necessariamente uma aprendizagem, já que não se pode dizer que o filósofo realmente aprende o conceito, mas sim o apreende, ou melhor, cria os seus conceitos. A pedagogia do conceito é pensar a vida filosófica como esta criação pura de conceitos, já que o filósofo é aquele que cria, que inventa e que traça, ele é o próprio plano de imanência, ou seja, ele é a imanência pura, uma vida.

⁶ Deleuze, G.; Guattari, F. *A imanência: uma vida...*, p. 11.

5 BIBLIOGRAFIA

BIANCO, Giuseppe. *Gilles Deleuze educador: sobre a pedagogia do conceito*. *Educação e realidade*, São Paulo, Vol. 27, nº 2, p. 179-204, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. *L'immanence: une vie... (A imanência: uma vida...)*. Trad. Tomaz Tadeu. *Educação e realidade*, São Paulo, Vol. 27, nº 2, p. 10-18, 2002.

_____, e GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. (Coleção TRANS).

FAVRETO, Elemer Kleber. *Deleuze e a univocidade do ser - um novo agenciamento para uma filosofia da diferença*. Toledo: [s.n.], 2007. (Dissertação de mestrado – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE).

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins fontes, 1999.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. (Conexões; 24).